

---

## O Sofá está na Rua: uma etnografia sobre pontos de encontros e formas de sociabilidades na região do Porto na cidade de Pelotas/RS

*The Couch is on the Street: An ethnography on meeting points and forms of sociability in the port area in the city of Pelotas /RS*

Ícaro Vasques Inchauspe e Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7656>

DOI: 10.4000/pontourbe.7656

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Ícaro Vasques Inchauspe e Francisco Luiz Pereira da Silva Neto, « O Sofá está na Rua: uma etnografia sobre pontos de encontros e formas de sociabilidades na região do Porto na cidade de Pelotas/RS », *Ponto Urbe* [Online], 24 | 2019, posto online no dia 26 junho 2019, consultado o 05 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7656> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7656>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# O Sofá está na Rua: uma etnografia sobre pontos de encontros e formas de sociabilidades na região do Porto na cidade de Pelotas/RS

*The Couch is on the Street: An ethnography on meeting points and forms of sociability in the port area in the city of Pelotas /RS*

Ícaro Vasques Inchauspe e Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 02/01/2019

Aceitação / Accepted 10/04/2019

## Introdução

- 1 Este artigo pretende primeiramente abordar diferentes formas de pensar conceitualmente o 'viver na cidade e, a posteriori, expor dados etnográficos que evidenciem as ações vividas por meio de práticas socioculturais contemporâneas 'na' e 'da' cidade (Rocha; Eckert 2003), de forma a perceber estando de 'perto e de dentro' (Magnani:2002) como, onde e porque as pessoas - individualizadas no coletivo - constroem seus sentidos e significados.
- 2 Seria então, o caminho para uma antropologia das 'sociedades complexas'¹. Isso foi acentuado a partir da divisão de trabalho entre as diversas Ciências Sociais que se realizava, portanto, a partir da definição de um objeto de estudo concreto, na qual se considerava que as sociedades "simples" deveriam ser objeto privilegiado da Antropologia. Em 1951, Evans-Pritchard definia o campo da Antropologia segundo a

perspectiva que a Antropologia Social seria o ramo dos estudos sociológicos que se devota primordialmente às sociedades primitivas.

- 3 Modificadas as perspectivas antropológicas, que serviram para ampliar os horizontes tanto teóricos quanto metodológicos e principalmente etnográficos, a partir de novos olhares complexos em escala mundial e global, o que se apresenta aqui e agora, é induzir o olhar antropológico para uma complexidade social contemporânea que se urbaniza em outros tipos de movimentos e contextos – porventura, pós-industrializada e agora tecnológica, onde as relações sociais são produzidas, reproduzidas, configuradas e reconfiguradas por meio de suas vivências, sobrevivências e [cibervivências<sup>2</sup>, grifo meu] já que estamos inseridos numa cibercultura, cada vez mais aparamentada por meio de equipamentos tecnológicos fazendo parte do polo urbano e rural produzindo novas formas de sociabilidade, lazer, entretenimento e também de comunicação. Vivemos nos ‘tecidos reais-digitais na forma de complemento da vida’.
- 4 ‘Atualizando’ ou dando ‘f5’ tentando buscar compreender fragmentos destas vivências experimentadas, individualizadas e representados nos coletivos, é que vão se criando personagens na cidade e vão vivendo o jogo e dando forma à estrutura, além de descobrir suas regras e ao mesmo tempo modificando-as, como um jogo de tabuleiro (agora móvel – procurando buscar novos entendimentos do andamento desse jogo) a partir de Gregory Bateson (1956):

Se fosse como xadrez, ou canastra, eu poderia te dizer as regras, e nós, poderíamos, se quiséssemos, parar de jogar, e discutir as regras.  
E então poderíamos começar um novo jogo com novas regras.  
Mas que regras seriam válidas entre dois jogos?  
É como a vida – um jogo cujo objetivo é descobrir as regras,  
Cujas regras são sempre mutantes  
E sempre indecifráveis.
- 5 Então, é neste contexto que surge este ‘novo jogo’ – a vida – e neste jogo que se criam as regras. Jogo que é jogado na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul. Com a possibilidade de tentar dar conta de como as regras são constituídas a partir do campo deste jogo, chamado de *Sofá na Rua*. Os personagens em sua maioria são jovens. Logo estes jovens movimentam-se e alinham-se ao cenário pórtico, na cidade de Pelotas integrando ao cenário local urbano industrializado e marginalizado, que lá estão em contato e jogando o jogo.
- 6 A proposta ainda tímida, aqui da qual procuro me debruçar é: compreender como se constroem os ritos de passagens ou de encontro destes jovens e como se produzem as sociabilidades neste espaço. Como já dito anteriormente, utilizarei alguns clássicos da antropologia ‘tradicional’ que dialogam com termos conceituais contemporâneos – pensando exatamente, neste exercício teórico-conceitual e empírico, da característica da *etnografia* a partir da *observação participante* de Malinowski (1922) em *Argonautas do Pacífico Ocidental* nas ilhas Trobriand.
- 7 Portanto, a partir dos rituais de dança tribal chamada *Kalela* e aspectos das relações sociais nas cidades urbanas africanas publicado em 1951 de Mitchell (2010), influenciado por Max Gluckman a partir de seu trabalho intitulado *Análise da situação social na Zululândia* publicado em 1958. Ambos da escola estrutural-funcionalista (escola de Manchester).
- 8 Pensando justamente na continuidade na dinâmicas sociais, contato e mudança das sociedades complexas contemporâneas na abordagem dos estudos antropológicos da

época que reverberam até hoje, trago para o diálogo a Escola de Chicago através de Turner (2008) a partir de *Dramas, Campos e Metáfora* com sua percepção sobre o rito enquanto ação de compartilhamentos de atitudes, sentimentos e ideias em comum. Neste sentido, trabalharei a questão dos ritos de passagem ou de encontro na cidade de Pelotas, mais especificamente sobre o evento Sofá na Rua.

- 9 Inclinando este trabalho para uma vertente da antropologia urbana e já trazendo como referência a própria Escola de Chicago, faço o recorte e tomo o presente grupo de análise que traz consigo suas vivências e experiência no Sofá na Rua, trazendo as noções de *pedaço, circuito, mancha, e trajeto* de José Magnani (2003) como método etnográfico a partir dos dados produzidos em campo, respaldado também pelo próprio autor e Malinowski em suas etnografias tanto metodológicas quanto teórico-conceituais.
- 10 Por fim, tratando-se destas 'junções' dos grupos, em suma, jovens, dialogarei neste texto utilizando conceitos de *culturas juvenis* de Carles Feixa e Jordi Nofre (2012) ou ainda numa perspectiva de uma *cultura universitária de pórtico* - o que não deixa de ser juvenil - e as relações destes microgrupos, de forma a chamar a atenção para o formato destes *circuitos* de encontros produzindo formas de sociabilidade na utilização e apropriação do espaço público enquanto ação, produção e criação do lazer. Assim, meu objetivo é descrever a partir de uma etnografia que aponte para as permanências e regularidades por onde estes grupos passam, transitam e se agrupam, tomando objetivamente em pensar nas conexões com a *cidade* e a *rua* e suas interfaces com a paisagem e com seus atores.

## Antropologia urbana e objeto-campo: A cidade como objeto?

- 11 Partindo do caráter inicial desse trabalho, tendo sua finalidade conceitual e etnográfica, procurarei introduzir aqui noções de inserção de forma a apresentar aspectos conceituais da antropologia urbana e o objeto-campo do qual determino trazer mais à frente deste trabalho. Nesta etapa é preciso "problematizar o problema".
- 12 Mas porque pensar em objeto-campo? Tratando-se desta pesquisa que se relaciona principalmente com uma categoria da antropologia - a antropologia urbana, há nela, características gerais da antropologia, mas principalmente em contextos interioranos ou metropolitanos - sejam rurais e urbanos - sejam campesinos ou agora cidadãos: caráter aglutinador, de integração e de fragmentos 'rurbanos' (Freyre 1982; Carneiro 1996). Mas ainda assim, num contexto latino-americano, brasileiro, mundial e por último global. Os fluxos rurais e urbanos agora não transpõem mais 'fronteiras, estando assim, permeados pela constante troca e movimentação dos atores. Ainda assim, procura-se aqui assinalar que se complementam e integram e encontram, principalmente entre sujeitos e objetos, onde as coisas têm vida social (Apaddurai 1998) e definem o nosso campo etnográfico.
- 13 A integração e encontro da qual quero abordar é uma percepção a partir da leitura de Magnani e Mantese (2007) onde pensam numa antropologia urbana que apresente elementos de forma a pensar a inserção urbana dos atores sociais - microgrupos - com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores etc.) quanto o espaço com o qual interagem - mas não na qualidade de

mero cenário e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço – *campo*.

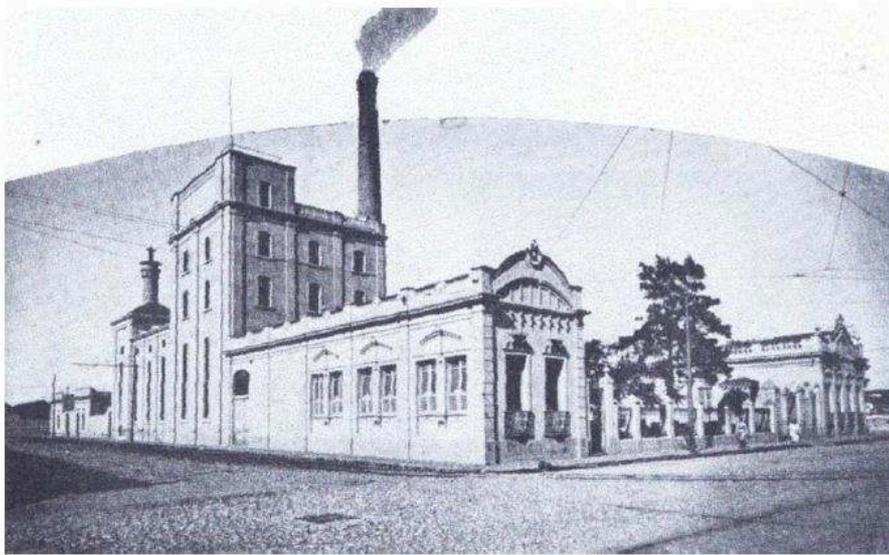
- 14 A ideia aqui é pensar na paisagem urbana – campo - por meio da etnografia dos espaços por onde circulam (os microgrupos), onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem sociabilidades.  
Nesse sentido, o exercício neste tópico é pensar em hipóteses que remetam à presença e necessidade, sobretudo do fazer antropológico especificamente para uma leitura sobre os fenômenos ‘sociourbanos’, mais especificamente para a pesquisa da dinâmica cultural e suas formas de sociabilidade nas cidades contemporâneas. Frente a esta compreensão da antropologia para os fenômenos contemporâneos nas cidades, é indissociável não mencionar na utilização da etnografia como ferramenta de compreensão das ciências sociais para o seu entendimento de fenômeno urbano.
- 15 A *Antropologia da cidade* seria mais similar à Sociologia Urbana, isto é, são estudos que pensam a cidade como uma totalidade; já a *Antropologia na cidade* “são pesquisas em pequena escala, mostrando em termos gerais a dinâmica da vida urbana e da vida cotidiana” (MENDOZA 2000: 222). Nas palavras de Eunice Durham (1986:19 apud MENDOZA, 2000:189)  
E, desde o começo, trata-se menos de uma antropologia da cidade do que uma antropologia na cidade. Isto é, não se desenvolveu no Brasil uma Antropologia Urbana propriamente, nos moldes em que foi iniciada pela Escola de Chicago, uma tentativa de compreender o fenômeno urbano em si mesmo. Ao contrário, trata-se de pesquisas que operam com temas, conceitos e métodos da antropologia. A cidade é, portanto, antes o lugar da investigação do que seu objeto.
- 16 São os arranjos produzidos que não são somente apreendidos pelo pesquisador, mas que os colocam sob uma outra forma, outro aspecto e dimensão epistemológica, mais particularmente no campo e na forma de como pensá-los em sua própria lógica, e experimentá-la de acordo com seus padrões de seu próprio modo de vida. Trata-se de novos arranjos que entram em contato entre pesquisado/pesquisador produzindo novas experiências e sensações.
- 17 Buscando compreender estes fenômenos e entendendo os processos urbanos como objeto antropológico de investigação, Gilberto Velho (2013), longe de imaginar qualquer possibilidade de imparcialidade, defendia que a própria posição social do pesquisador em sua sociedade interferia no modo de ver o mapa social da cidade e, por sua vez, na relação com os diversos grupos com os quais tem contato em graus variados.
- 18 Daí, portanto, a necessidade de estranhar o familiar, de compreender esse mapa social não apenas como um viés presente na pesquisa de campo, mas também como mais um elemento a ser analisado. Pois a relação do pesquisador com os grupos de pesquisa seria mais um exemplo de como se dão as relações sociais em uma grande cidade, nas sociedades complexas.
- 19 Assim a ideia de ‘sociedades complexas’ conforme visto na obra de Velho (2013) na qual comenta Rezende (2013), que se refere tanto ao contraste com as sociedades tradicionalmente estudadas pelos antropólogos, relativamente isoladas e homogêneas, quanto à heterogeneidade resultante da divisão social de trabalho e da estratificação social, particularmente acentuada no meio urbano. Nas sociedades complexas, afirmava ele, coexistem diversos grupos sociais, com estilos de vida, visões de mundo e códigos

distintos – regras de comportamento e formas de linguagem específicas, que muitas vezes apresentam fronteiras relativamente bem demarcadas.

- 20 Por isso, não faria sentido falar em uma cultura comum a todos, pressupondo aí o compartilhamento de valores, noções e comportamentos por toda uma sociedade. Antes, caberia ao antropólogo perguntar: “O que pode ser comunicado? Como as experiências podem ser partilhadas? Como a realidade pode ser negociada e quais são os limites para a manipulação de símbolos? Algumas dessas tentativas de responder a estes questionamentos ficarão melhor expostas nos próximos capítulos.

## Contextualizando o bairro do Porto de Pelotas

- 21 A partir de 1940, em Pelotas, formou-se rapidamente um bairro de fábricas e depósitos. Dentro desta perspectiva, os principais prédios fabris<sup>3</sup> construídos no bairro do Porto durante este período foram : a Cervejaria Brahma (ex-Cervejaria Sul-Rio-Grandense, 1908-1988), Cia. Fiação e Tecidos Pelotense (1908), Moinho Pelotense (1922), Alfândega (1938), Frigorífico Anglo (1942), Cosulã (Cooperativa Sudeste de Lãs (1954), tendo em vista o rápido acesso e emissão de cargas por meio da infraestrutura de proteção e acessos hidroviários desde o Canal São Gonçalo ligando as lagoas Mirim e dos Patos. O porto de Pelotas está atualmente concessionado para a empresa Sagres – com supervisão da Superintendência de Portos e Hidrovias (SPH) localizada na rua Conde de Porto Alegre.
- 22 Abaixo algumas imagens retiradas de Essinger (2009) e Salaberry (2012) que trabalharam o aspecto da memória com trabalhadores do bairro de 1920 a 1970, evidenciando uma dinâmica do bairro ao apresentar narrativas de relações de trabalho desde o bairro marcado pela agroindústria e a criação de circuitos e de movimentação operária até a expansão do urbanismo pelotense no sentido Porto<sup>4</sup> para o Centro.
- 23 Cabe rapidamente contextualizar que, na figura abaixo, na rua Benjamin Constant onde se situava a Fábrica da Cervejaria Brahma (ex-Sul-Rio Grandense) realiza-se atualmente o evento Sofá na Rua. Atualmente a parte frontal da esquina da fábrica, como vemos na foto abaixo, abriga a Editora e Livraria da Universidade Federal de Pelotas. Já no pátio ao fundo, tem-se o funcionamento da Galeria Brahma para exposições da Universidade.



Cervejaria Brahma (ex-Cervejaria Sul Rio-Grandense, 1908).

Fonte: Salaberry



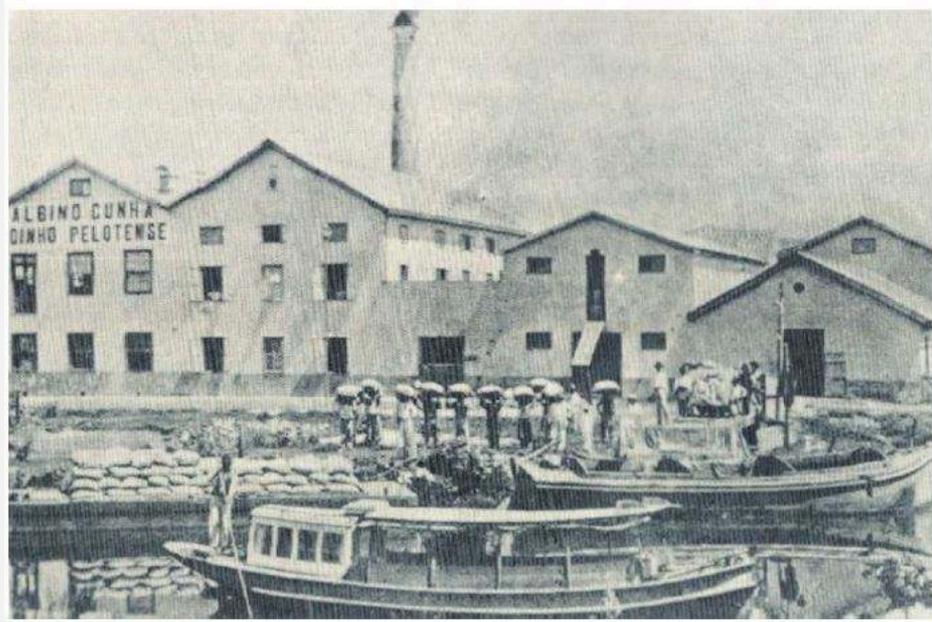
'Ruínas' Cervejaria Brahma.

Fonte: UFPel (2012).



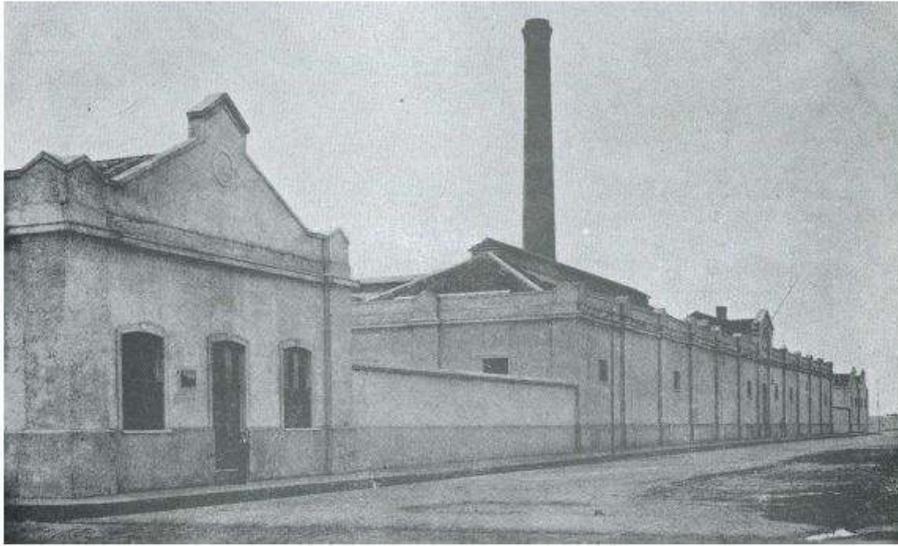
Editora e Livraria da UFPel. Antiga Cervejaria Brahma.

Fonte: Livraria da UFPel, 24 de maio de 2018.

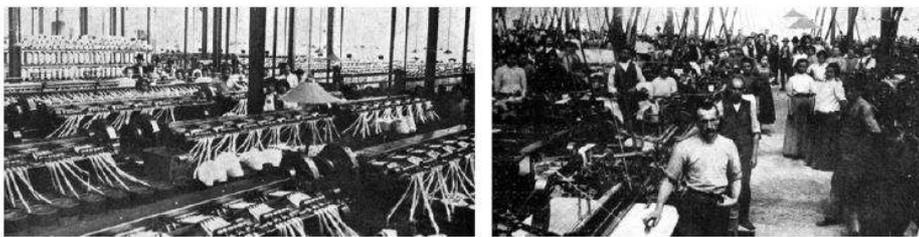


Fábrica de farinha, trigo e derivados Moinho Pelotense em 1922.

Fonte: Salaberry (2012).



Companhia de Fiação e Tecidos Pelotense (1908).  
Fonte: Salaberry (2012).



Espaço de produção da Companhia de Fiação e tecidos em 1910.  
Fonte: Essinger (2012).

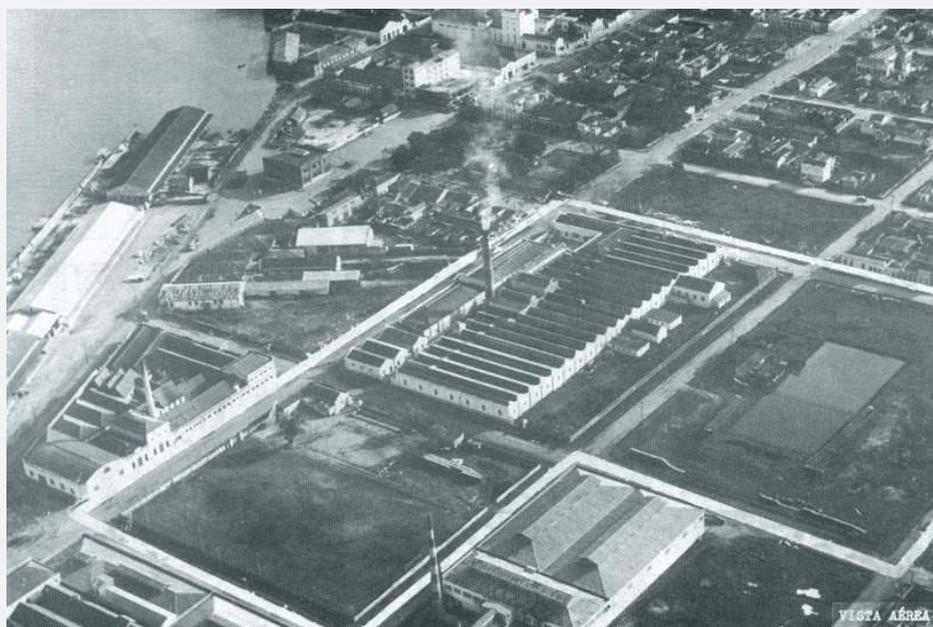


Frigorífico Anglo, 1942.  
Fonte: Essinger (2012).



Campus Anglo da UFPel (Antigo Frigorífico Anglo).

Fonte: UFPel, 2017.



Região Portuária.

Fonte: Olhares sobre Pelotas (2018).

- 24 Outra via de acesso que se encontrava no porto era a o modal ferroviário, pensado no deslocamento para outras cidades do estado que por via terrestre conseguia ampliar seu alcance de fornecimento dos insumos. Seu percurso se dava através da linha Cacequi-Marítima, composta pelas estações das cidades de Bagé (gado), Pelotas (charque) e Rio Grande (porto) formando até então, o tripé econômico dessa região do estado.

- 25 Com o início do processo de industrialização no Rio Grande do Sul, as cidades de Pelotas e Rio Grande passaram a figurar no cenário gaúcho como as principais alternativas ao capital fabril estrangeiro, tendo mais importância que a atual capital, Porto Alegre. Tal afirmação se justifica pelo posicionamento estratégico destas cidades que possibilitava escoar as produções pelos portos de Rio Grande e Pelotas. Neste contexto, o Porto de Pelotas começa a ter grande importância nas diversas transformações que ocorreram durante este período, atraindo a instalação de diversas indústrias, depósitos e armazéns que utilizavam intensamente as instalações portuárias. Tal afirmação se evidencia nesta passagem de (POETSCH 2006:132):
- 26 O século XIX caracterizou-se por uma série de transformações em todos os setores da sociedade – cultural, territorial, urbano tecnológico, econômico, político e social. Em Pelotas são evidentes as transformações estruturais (da malha urbana) e formais da cidade a partir da implantação das fábricas e das vilas operárias em torno da estrada de ferro e das instalações portuárias. A área do porto assumiu uma importante valorização urbana no começo do século XX, onde os casarões ecléticos do final do século passado contrastavam com a arquitetura das fábricas e das vilas.
- 27 Passado o tempo “áureo” de desenvolvimento econômico na região, este processo ao longo dos anos acabou produzindo um grande patrimônio industrial na paisagem do bairro, posteriormente marcado pelo abandono. Ocasionalmente assim, um cenário urbano permeado por edificações industriais.
- 28 Atualmente esta região do porto agrega inúmeros prédios fabris, ocupados pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), através de projeto de revitalização dos polos fabris abandonados, onde se negocia com diversas empresas para a aquisição dos antigos prédios visando sua vitalização e utilização como unidades acadêmicas.
- 29 Estes espaços revitalizados pela UFPel espalham-se ao longo da região do porto onde contemplam as unidades acadêmicas das áreas das ciências humanas, política, sociologia, educação, arquitetura, artes e design, engenharias, matemática, física, entre outras.
- 30 A região do porto também, atualmente, é vista como uma área ‘marginalizada’ pela população (centro), pois diante do grande número de edificações abandonadas, e a partir de novas aglomerações fundiárias e devido à baixa infraestrutura pública nas ruas, o chamado serviço público (falta de iluminação e sinalização, ruas esburacadas, insegurança) e com um grande índice de assaltos que se juntam com o nascimento de bairros periféricos – que provavelmente não seja o ocasionador deste acontecimento, é preciso ficar claro - no entorno da região portuária produzindo uma imagem decadente e dando traços periféricos para o local. Esta situação vem ocorrendo sistematicamente na desvalorização de centros históricos das grandes metrópoles como um fenômeno global das cidades modernas com diversos processos e tipos de enobrecimento ao redor de áreas edificadas industriais que hoje podem ser atualizadas por polos tecnológicos (Leite, 2004; 2009).
- 31 Um exemplo ao qual podemos comparar a região portuária de Pelotas é com a que propõe Leite (2009) com um outro tipo de enobrecimento com os bairros portuários das cidades portuguesas de Évora e Porto mantendo também uma densidade característica residencial estável de idosos. Assim, a região portuária pelotense, a partir do contexto atual, se divide em uma região populacional idosa, juvenil-universitária, mas ainda

assim com os chamados ‘cinturões de miséria’ às margens do Rio São Gonçalo, conforme situa Jonas Santos, um dos ex-moradores do bairro do Porto.

- 32 Por outro lado, esta mesma região periférica que tomaremos como categoria do espaço, recoloca-se hoje em dia como revitalizada – em partes – justamente o mesmo Porto de Pelotas, desativado por muito tempo; atualmente, no ano de 2015 a partir de sua revitalização e qualificação do espaço opera a partir da grande produção de celulose extraída do eucalipto da região, facilitando o embarque das toras com destino à fábrica, na cidade de Guaíba.
- 33 É neste contexto, dito por uma narrativa heterogênea por interlocutores iniciais que o meu ‘objeto-campo’ como denominado anteriormente, apresenta uma paisagem portuária dentro de um cenário ‘atualizado’, revisitado literalmente, integrando e encontrando-se com o periférico, o abandono e o revitalizado integrado por uma universidade que consigo traz um novo conjunto de significados, arranjos e atores.
- 34 Sobre esta paisagem e dentro deste cenário, é que se realizam em todos os finais de mês o evento-continuado chamado *Sofá na Rua*. Este evento tem por finalidade a ocupação dos espaços públicos por meio das vias de acesso – as ruas – através de intervenções artísticas e culturais de cunho altamente político, social, ambiental, de gênero, promovendo ‘novas’ formas de sociabilidade e lazer entre os jovens. Isso é o que diria alguém estando de ‘fora e de ‘longe’.
- 35 Assim, este cenário se transforma com rearranjos, possibilitando atribuir novos significados tanto do cenário quanto os seus ‘habitantes’ e frequentadores; temos por um exemplo (pensando numa das possibilidades de significados), um projeto ‘revitalizado’ que revitaliza o ‘passado’ industrializado e se integra com o presente urbano, traçando *circuitos* de encontro de lazer e produzindo *manchas* de sociabilidade e lazer.

### Etnografia de um pórtico artístico-cultural pelotense

- 36 Localizado entre as ruas Conde de Porto de Alegre e José do Patrocínio, e no entorno da rua Benjamin Constant, na região do porto de Pelotas. Primeiramente, o ‘Sofá’ – pronuncia recorrente para designar Sofá na Rua (utilizarei a partir de agora) teve seu início no ano de 2012 na rua Almirante Tamandaré, região central de Pelotas, local que se situava em frente à casa do grupo organizador, o coletivo Fora do Eixo – Pelotas.
- 37 Portanto, tendo início na rua Almirante Tamandaré – região central com um número maior de casas do que a região central composta por prédios comerciais e domiciliares, estende-se atualmente para as ruas Conde de Porto Alegre e José do Patrocínio onde acontecem continuamente o evento. Além dessas ruas, anteriormente já aconteceram no *Quadrado* através da rua Alberto Rosa, zona portuária que faz conexão territorial com as ruas principais do evento mencionadas primeiramente.
- 38 Cabe mencionar que o *Quadrado*, é um antigo atracadouro, e atualmente é local de convívio social frequentado principalmente por jovens e famílias, além de ser usado para atracar os barcos dos pescadores que residem nas proximidades. O nome ‘Quadrado’ deriva do formato quadrangular do cais, que na realidade representa uma inclinação em forma trapezoidal com uma abertura que o conecta ao Canal São Gonçalo.
- 39 Muitas pessoas frequentam o local ao final da tarde para sorver o tradicional chimarrão e desfrutar do pôr do sol por detrás das pontes sobre o Canal São Gonçalo que ligam

Pelotas a sua vizinha Rio Grande. O local também é apreciado por pescadores amadores que lançam suas linhas em direção ao canal. Os habitantes mais velhos da cidade costumam referir-se ao cais pelo nome de 'Doquinhas', já que esta era a função inicial da estrutura e é o nome que atualmente designa a vila de pescadores ao lado do Quadrado.



Cais do Quadrado na região do Porto.

Fonte: Jornal Diário Popular.

- 40 Sendo assim, novos significados começam a aparecer a partir de uma antropologia urbana que apresenta em resposta aos grandes fluxos dos grupos permeados por encontros, formação e constituição através de arranjos sociais, novos formatos de viver e experimentar a vida, formando novos 'rituais'<sup>56</sup> urbanos'.
- 41 Nos próximos subcapítulos, trarei algumas informações que explicam a conformação e mudança do pórtico onde são produzidos trajetos de permanência e moradia no bairro do Porto a partir da instalação de alguns câmpus específicos da UFPel, até a re-criação de espaços noturnos com a abertura e adaptação de equipamentos culturais do contexto local etnografado.
- 42 Pelotas, notadamente, não se classifica de forma categórica por ser uma metrópole, mas sim uma cidade média – a partir de dados de densidade e georreferenciais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por ter aproximadamente 400 mil habitantes. Mas isso em uma análise quantitativa, o que não é de todo errado, mas ainda assim o proposto aqui é estudar a qualidade da dinâmica a partir das relações sociais dos atores em determinado perímetro urbano que é a região do Porto de Pelotas.

### Formação de circuitos do pórtico

- 43 Para compreender num primeiro momento como identificar estes circuitos que se configuram no bairro do Porto recorreremos a sua concepção prática nos estudos pioneiros sobre o lazer na periferia de São Paulo proposto por Magnani (1996).

- 44 Assim, ao longo de suas práticas foram se criando outras categorias como pórtico, manchas, trajetos, circuitos, e se ajustando ao contexto etnografado. Dessa forma, utilizamos a categoria de circuito escolhida para grafar a pesquisa

O circuito passa, assim, a abrigar diversas classes de atores, inclui os espaços onde ocorrem circuito e suas práticas e se pauta pelo calendário de sua realização. Não se trata apenas de identificar pessoas, objetos, locais, estilos e marcas que estão em relação por compartilharem determinados interesses, valores, práticas: o que o torna vivo é a movimentação dos atores, que pode ser apreciada, por exemplo, nos eventos, celebrações, rituais coletivos etc. Um evento local mobilizará pessoas, objetos etc., de forma diferente de um evento de âmbito nacional. (Magnani, 2016, p. 4).

- 45 Portanto, somente com o recurso etnográfico através de informações, dados e composições para o 'nivelamento' dessa qualidade. Qualidade, que quero justificar como importante e crucial para a pesquisa, que está permeada de alteridades, primeiro: por estar localizada numa região histórica da cidade, composta por construções fabris; segundo: em contraponto uma grande concentração destes mesmos prédios fabris que foram revitalizados para instalação de cursos da Universidade Federal de Pelotas em determinado perímetro, com as unidades acadêmicas do Instituto de Ciências Humanas (ICH) que abrigam as Faculdades de Educação (FAE) e o Instituto de Filosofia e Sociologia Política (IFISP), além dos campus de Arquitetura e Urbanismo (FAURB) interligado com o Centro de Artes e Design (CA), e ainda o Centro de Engenharias (CEng) no prédio da Cotada. Cerca de 5 quarteirões da região do Porto são tomados por um complexo de prédios que lá são ocupados por alunos, professores, técnicos-administrativos, terceirizados, e demais pessoas que lá circulam.



Mapeamento do circuito na região do Porto de Pelotas.

Fonte: Retirado do Google Maps.2018.

- 46 Nessa região tomada por estudantes, professores e profissionais da área da educação, além de sua população local, se dinamiza, e lá se estabelecem rotinas, hábitos que vão desde aulas até o pós-aula ('happy-hour' universitário).
- 47 Estabeleceram-se relações de lazer, práticas de sociabilidades, e assim o surgimento de equipamentos para esses pontos de encontros, como os bares mais frequentados, que vão desde a padaria e restaurante *A Popular* (embora não tão condizente assim com o seu nome), – clássica no entorno do bairro e frequentada por estudantes e professores

do Instituto de Ciências Humanas (ICH); Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FaUrb) que se interliga com o Instituto de Artes e Design (IAD).

- 48 Além da rede de estabelecimentos que se forma na região – ou algumas *manchas urbanas* e *pórticas* por assim dizer – como o *Bar do Zé*, que em meados de 1950 era um armazém especificamente para o frequentador do trabalho operário industrial na região do Porto. Com a chegada da Universidade no bairro, tornou-se um ponto de encontro principalmente para o público universitário das ‘humanas, sociais e das artes’ que estudam nos prédios no entorno do bar, tendo seu funcionamento principalmente à noite.
- 49 Mas ainda assim, o local resguarda a característica de além do público jovem, atrair demais públicos: principalmente seus moradores mais antigos como ainda assim, se tornou ponto de encontro de alguns grupos como a galera do rap, hip-hop e do grafite que ali fazem o ‘barulho’ e suas movimentações artísticas. Além disso, atrai músicos mais antigos e segmentos musicais como sambas de raiz, jazz, entre outras.
- 50 É uma *mancha urbana* ou *mancha-pórtica* muito especial para os seus frequentadores. Ao mesmo tempo que coloca o fluxo e movimentação como principal finalidade do equipamento, busca também atrair regularidades em algum grau, e principalmente pela noção de estar em um contexto de pórtico, um lugar obscuro, periférico, violento, segmentado do centro, com marcas arquitetônicas históricas que marcam a cidade, é um espaço que é ocupado e articulado enquanto seu contexto e afirmação do *lócus* que opera no fluxo e na obscuridade.
- 51 Sem dúvidas, o Bar do Zé pode ser caracterizado e configura-se enquanto um ponto de encontro universitário engajado em atividades artísticas, políticas e socioculturais. Cabe ainda ressaltar que algumas atividades de extensão de alguns cursos são praticados ali no Bar do Zé; Como por exemplo o *Buteco da Filosofia*<sup>7</sup> que tem a finalidade de trazer conversações com moradores, professores e determinadas pessoas a partir de seus temas que muito evocam a própria marginalidade estigmatizada pelo contexto; mas também busca trazer questões de cunho religioso, social, ambiental e demais assuntos que integrem o cotidiano dos pelotenses.



Numa ponta da esquina, o Bar do Zé na rua dos trilhos que circulava o bonde.  
Retirado pelo autor. Bar do Zé, setembro de 2017.

52 Exemplo prático da sua ‘fama’ de bairro ‘perigoso e violento’ é o Pacto pela Paz, projeto de lei instaurado pela Prefeitura Municipal de Pelotas em nome do Poder Executivo (Prefeitura Municipal) e compactuado num primeiro momento pelo atual reitor da UFPel, Pedro Curi Hallal, mas que a partir da pressão discente e docente revogou adesão ao ‘pacto’. A proposta tem como finalidade produzir um ‘conjunto de estratégias voltado à redução da criminalidade e da promoção da paz a partir das ações movidas por toda a sociedade’. A partir deste entendimento de política pública de segurança<sup>89</sup> proposto pelo executivo municipal, suas ações causaram resultado no mês de setembro e outubro em ações truculentas no “Bar do Zé”, no calçadão da Andrade Neves e em outros lugares centrais de Pelotas contra jovens imigrantes senegaleses, estudantes universitários e um advogado. Em uma das últimas reuniões realizadas sobre o Pacto pela Paz e seus desmembramentos aconteceram algumas ações em defesa do direito a cultura e ao lazer:

A comunidade e o Bar do Zé em sua fala geral repudiam esse ato e tais práticas justamente pelo direito de lazer, cultura, direito de viver, direito de ir e vir e direito de trabalhar honestamente (Comunidade universitária; Bar do Zé, 2018).

53 Na outra ponta da quadra, há o *Papuera Bar*, mas aí as coisas mudam: o equipamento está situado um pouco antes do Bar do Zé, e o seu público já se diferencia: primeiro pela sua comodidade e pelo seu clima mais ‘clean’ e gourmetizado que o outro; casais e grupos de 40 a 60 anos que procuram um pouco de mais ‘tranquilidade’ e menos ‘euforia’ e ‘algazarra’ do que no Bar do Zé. Mas ainda assim, é um espaço que se entrelaça com um público universitário de melhor condição financeira; as bebidas, e comidas são mais caras; embora seja na rua a dinâmica do bar, há um grupo de vigilantes que fazem a segurança do local. É um espaço mais ‘protegido’ mesmo na região.



Na outra ponta da esquina: Papuera Bar.  
Retirado pelo autor. Dezembro de 2017.

- 54 Assim, ao conversar com um grupo de casal, moradores da Zona Norte da cidade (Porto está localizado na Zona Sul) colocam que ao virem nas sextas-feiras ao Papuera, além de aproveitar a paisagem do bairro que retoma um contraste boêmio do Porto operário com os trilhos e da grande concentração fabril também contrasta com a movimentação universitária e jovem, dando 'vida' no estabelecimento.

**Roberto:** Ah a gente vem sempre que dá... principalmente as sextas-feiras aqui pro 'Papu'... gostamos desse clima mais boêmio, tem um 'Q' do que era antigamente... também tem a questão de que alguns amigos nossos moram aqui no bairro do Porto.... então esse lugar, dos botecos e dos bares é também um lugar pra gente ver e reencontrar os amigos e, claro, curtir a sexta-feira, depois do trabalho né... É um lugar muito agradável pra gente... Podemos tomar nossa cervejinha mais tranquilo, sentados, melhor acomodado né.

**Marcia:** Eu particularmente, gosto muito de vir aqui... porque a gente descontra... o pessoal vem todo pra cá também, temos essa coisa né, de uma tranquilidade, e aí o pessoal que estuda aqui eu acho, que toma toda a rua, e aí vira aquela loucura.. Parece lá com a Bento[avenida movimentada e ocupada nos canteiros à noite ; e nos postos com os carros de som]. Ficamos um pouquinho aqui e vamos embora...

(Relatos do casal Roberto e Marcia, 20 de março de 2018).

- 55 Dentre estes dois equipamentos localizados nas pontas do quarteirão, e em suma composto por jovens, abre-se uma espacialidade que é o centro destas ruas tomada pelo trânsito entre um bar e outro; e ainda assim, abre-se margem para outra mancha que ali se cria para os que não estão nem no Zé nem o Papuera. Alguns grupos, instalam-se com seus carros, motos, ou até a pé, e levam seus isopores e demais suportes com bebidas e se fixam em suas cadeiras nas calçadas do quarteirão assim completando a totalidade que se instaura nos finais de semana nas ruas entre Conde de Porto Alegre e Alberto Rosa que são produzidas as manchas do Bar do Zé e do Papuera. Assim, todos podem curtir a noite. O público noturno está formado!
- 56 Um componente importante de diferenciação do Bar do Zé para o Papuera a partir de seus frequentadores são os produtos de comercialização do local: primeiramente a Catuaba, uma bebida recente inclusa no seu rol de comercialização, principalmente pela massiva inserção de estudantes advindos do sudeste, principalmente São Paulo; onde segundo alguns frequentadores explanam que a Catuaba possui grande atenção no agenciamento de mobilização e agrupamentos de pessoas em festas, 'ajuntamentos' entre outras atividades de lazer, pois cabe no bolso do estudante. De fato, os proprietários do estabelecimento em diálogo com os frequentadores receberam 'dicas' sobre o produto e viram ali uma oportunidade de adaptar-se aos novos grupos que se formam sob o local.
- 57 Outros equipamentos que formam manchas urbanas no Porto são o bar *Fora de Hora*, com um público menor – ou quase sempre vazio. Indo em direção ao centro, mas fazendo parte do bairro do Porto e das unidades da UFPel situada no campus II, há o *Los Hinchas*, bar especificamente para assistir jogos de futebol e o *Sorvsucos*, um espaço mais frequentado pelo público feminino, onde dizem ser o melhor sorvete da cidade.
- 58 Encerrando o circuito há o Galpão Satolep (Pelotas ao contrário) com uma dinâmica própria de convivência nesse espaço que se consolida por meio de sua paisagem em constante negociação com os moradores (mais antigos). Sendo assim, penso que estas manchas urbanas citadas acima, e partindo para uma análise da categoria de Magnani são altamente propulsoras de um público mais regular, que acaba levando-os para o

Sofá na Rua, onde já conhecem as dinâmicas desse território, e principalmente por uma autonomia ali já praticada. Mas que precisam ser reveladas.

- 59 Pensar em alteridades que fazem parte deste contexto, onde ali se estabelece uma Universidade com mais de 20 mil alunos, que se somam a um bairro antigo, categorizado como periférico e de pórtico, oriundos de vários estados brasileiros, de outros países da América Latina, sem contar nas colônias que fazem parte da cidade, no âmbito rural entre alemães, italianos e portugueses, e principalmente no período do charque onde tornou-se uma região escravagista, por conta dos barões do charque.
- 60 Sendo esta última, uma cultura ainda que advém de seus antepassados até hoje, principalmente por religiões de matrizes africanas. Pelotas ainda por conta de seu histórico no viés artístico-cultural valoriza a tradição de traços europeus, visíveis em seus casarões e até mesmo na região do Porto pelos complexos fabris que lá se instalaram. Afirmando que, sim, embora com todas as contradições que cercam as sociedades contemporâneas, Pelotas é uma cidade com um grande espaço para estudar as alteridades, tanto as tradicionais e populares quanto as cosmopolitas que se fundem e entrelaçam na cidade de forma geral e que acabam ‘escoando’ no bairro do Porto formando novos arranjos citadinos.

## **Dos grupos formados, as formas de encontros e produção de sociabilidades no Sofá na Rua**

- 61 Com a iniciação da cidade moderna e dos vislumbres possíveis das relações técnicas sociais de forma mais ampla com a sociedade (Simmel, 2006), assim nessa formação entre indivíduo e sociedade, se produzem convivências, interação, socialização e associação nas formas da vida social, mesmo que enquanto possibilidades construção temporária do próprio jogo social. Assim, entre subjetividades individuais e objetividade da sociedade conformam e movimentam as ações, situações e intenções nas relações de sociabilidade, entendida aqui como as múltiplas interações entre pessoas e grupos que conformam e possibilitam estabelecer determinadas formas de vida ocasionadas pelos encontros.
- 62 A partir destes grupos entre as ruas Conde de Porto Alegre e Benjamin Constant é que acontece o Sofá na Rua, onde os mais variados grupos e pessoas de outros lugares da cidade integram e encontram-se com os demais moradores do bairro da região do porto formando os ‘ritos de encontro’.
- 63 É ali, no cruzamento destas duas ruas principais, que as atividades acontecem. Pouco a pouco, tendo suas atividades iniciadas quase sempre por volta das 15 horas. Neste período os grupos e as pessoas começam a chegar e vão se ‘aproximando’. Notadamente, o Sofá na Rua é um espaço em sua maioria ocupado por jovens. Daí alguns grupos e pessoas sem se importar tanto com o ‘conforto’, sentam-se no meio-fio da calçada, outros escoram-se nas paredes dos prédios fabris e galpões abandonados, e os grupos mais familiares levam suas cadeiras de praia com a bebida típica - o chimarrão ou o mate (para os mais fronteiriços). De modo a ficar mais ‘confortável’, os organizadores do evento, espalham sofás nas duas ruas para as pessoas ficarem mais à vontade e participarem dessa sociabilidade como se fosse a sua casa.



Início das atividades do Sofá na Rua. Rua: José do Patrocínio.  
Foto tirado pelo autor.

64

- 65 O Sofá na Rua é dividido em dois pontos de organização da rua de forma a promover um espaço intercalado: na rua José do Patrocínio é como se fosse a ‘praça de alimentação’ – com carrocinhas clássicas de pipoca, paçoca, rapadura, e de bebidas alcoólicas industriais ou artesanais (cachaça, coquetéis, entre outros) produzidos pelos próprios vendedores. Há espaço para os ‘food trucks’ ou os caminhões móveis que fazem comidas típicas de outros países, lanches, e também o pessoal que vende cerveja artesanal.



Sofá na Rua edição #47; show da banda Luciana Lima e os Resilientes.  
Foto: Aldivio Mendes.

- 66 No meio desta rua fica localizada, dentre a composição dos prédios fabris, este ainda utilizado, o chamado ‘Galpão Satolep’ (leia-se de trás para frente - Pelotas) ou mais

conhecido como ‘Galpão do Rock que teve seu auge nos anos 1990 e 2008, trazendo bandas do cenário nacional como *Ratos de Porão*, *Dead Fish*, e bandas locais undergrounds de caráter subversivo, frequentada mais assiduamente pelos moradores da cidade e especificamente do bairro, como colocam os ex-moradores do bairro e frequentadores do Galpão do Rock, Emerson Escaravelho, Jonas Fernandes e André Gomes como um espaço de sociabilidade e liberdade artística de estabelecer a ‘nossa desordem e fazer barulho’.

**André:** ‘Tchê’.. eu morei aqui no Porto, de 2004 a 2008 antes de ir pra praia [bairro do Laranjal - Zona Norte] com a minha mãe, e cara.. era muito metal, rock, hardcore, punk que rolava no Galpão... aquela coisa bem trash. Bom tu vê, pela aparência do negócio. 50 metros quadrado (m<sup>2</sup>) tudo rebocado com cimento. Bem aquele tipo de lugar só para estocar produto... Galpão... o nome já diz tudo... Um depósito... então é isso, um lugar trash merecia bandas trashes... depósito da nossa loucura. Hoje em dia, eu frequento menos, tô mais velho né. Tenho mais responsabilidade. E tem outra coisa né... com a instalação da Universidade (UFPel) aí, diversificou o perfil. Tem festa de rap, funk.. São as gerações cara...

(Relato de André Gomes no Sofá na Rua, 25 de maio de 2018).

**Jonas Fernandes:** Eu morei minha infância aqui, na década de 1970 até 1995, tinha toda uma ‘função’ da cultura negra e operária aqui no Porto, a sociabilidade produzida aqui era muito mais voltada para os Clubes Negros, para os cordões de carnaval. Tinha toda aquela coisa ligada ao trabalho do estivador, descarregador de mercadoria e área pesqueira. O samba e a musicalidade nossa era toda criada aqui nessa região portuária que ia desembocar lá no centro da cidade, e na criação da música dos Clubes Negros mais dessa região. Hoje em dia, mesmo com os moradores antigos que trabalharam no Anglo e na Brahma, esses últimos aí, já mais velhos, a rotina do Porto mudou com toda dinâmica universitária. É outra pegada.

(Relato de Jonas Fernandes, no Sofá na Rua, 25 de maio de 2018).

- 67 Utilizo nesta etapa da pesquisa o método/prática de estabelecer a etnografia a partir das memórias coletivas e itinerários urbanos do livro “*O tempo e a cidade (2002)*” das antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. Assim, entre método e prática, a antropologia urbana se apresenta na etnografia de rua marcada por uma forma de apropriação dinâmica da vida cidadina sistemática do etnógrafo seja em uma rua ou uma avenida, em um bairro ou uma esquina etc.
- 68 “Neste sentido a etnografia “na” rua consiste no desenvolvimento da observação sistemática em uma rua e/ou em ruas de um bairro e na descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que conformam a rotina da rua e bairro, dos imprevistos, das situações de constrangimento, de tensão e conflito, de entrevistas com habitués e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia a dia na cidade.” (Eckert; Rocha, 2002).



Galpão do Rock. Show da banda Acústicos e Valvulados.

Foto: Nanda Cassel.

- 69 Hoje em dia o espaço chama-se Galpão Satolep, e tem um público mais diversificado, principalmente com a instalação da Universidade e agrega frequentadores mais diversos e ritmos musicais. Nos dias da semana abriga os mais inúmeros estilos musicais (hip-hop, funk, rock and roll é claro, entre outros que cruzam o diversificado espaço artístico-musical).
- 70 Mas aos domingos, quando acontece o Sofá, ele torna-se um ‘segundo espaço’ de encontro, principalmente para os grupos mais discretos que não querem ser ‘vistos’ pela maioria, e ali se relacionam afetivamente, tornando-se uma ‘rota de fuga’ com a desculpa para utilizar o banheiro, tornando um sub-ponto de encontro e de paquera.
- 71 Caminhando até o outro ponto na rua Conde de Porto Alegre que é tomado por um espaço onde o chão é asfaltado (diferente da outra rua, que é de paralelepípedo) esta primeira, é apropriada para atividades esportivas, como o basquete de rua com a cesta móvel, onde são formados dois times de três que competem: “é o 3x3, o basquete de rua” como coloca um dos jogadores.
- Luan Cunha:** Assim, mano, a gente vem curtir um basquete... Eu, por exemplo, venho lá do Dunas [bairro Zona Leste], mas tem gente que mora aqui no Porto também. O evento é bem diverso, de atividade e de pessoas, então de alguma forma a gente consegue interagir com as outras ‘pintas’ [pessoas], as vezes tem uma troca bem legal... tem os ‘mandinho’ [os moleques] que vem curtir um basquete com a gente.. aí ficamos a tarde jogando.. e trocando ideia. Daí formamos outros grupos de jogadores pra além daqui, tá ligado? Vai juntando a gurizada toda.  
(Relato de Luan Cunha, 20 de julho de 2018).
- 72 Ainda neste mesmo espaço asfáltico é onde acontece o “Sofázinho”, composto por atividades artísticas para os ‘pequenos’ (crianças de 1 a 6 anos) onde desenvolvem atividades lúdicas, como pintura, desenhos e montagem de quebra-cabeças e outras brincadeiras. “A verdade é que os processos educativos autônomos se dão informalmente há muito tempo, nas brincadeiras de rua, no esporte de várzea” (Feixa, 2016).
- 73 Ana Clara e Ronaldo e sua filha Rosana de 5 anos, moradores das proximidades do Porto vem frequentemente ao evento percebendo que ele é muito benéfico tanto para eles como lazer, tempo livre e fruição cultural como para sua filha, pois entendem que o evento funciona como um caráter de ‘parque asfáltico’

Sempre que dá, a gente tá participando. O evento tem uma coisa muito interessante, que consegue agregar pessoas e atividades muito diversas. Então pra nós, principalmente no domingo que é nosso descanso.. Trazemos a Rosana... Por morarmos perto do evento, então também acabamos encontrando outros vizinhos que também trazem seus filhos. Acaba ficando aquela coisa de uma 'pracinha'... de um parque mesmo. Então é bom, porque assim podemos trazer nossas cadeiras e descansar, e ao mesmo, a Rosana gasta energia e no final do dia já facilita todo o processo... Criança em fase de crescimento, sabe como é né..Tem que gastar energia né?!

(Relato de Ana Clara e Ronaldo, 28 de agosto de 2018).



Grupo familiar e ao lado esquerdo o Sofazinho. Ao fundo está a galera do basquete com a cesta móvel. Rua Conde de Porto Alegre.

Foto tirada pelo autor em 2017.

- 74 Dialogando com esta paisagem na rua, é tomada de grafites nos murais das instalações do porto e pichações do outro lado dos galpões. Numa relação entre antropologia visual e imagem e os grafismos espalhados através das marcas urbanas: encontram-se entre “*píxos*” e grafites – da qual o trabalho no momento não entrará na seguinte discussão das temáticas – e sim colocá-las como parte de encontro e do constructo urbano contemporâneo. Kuschnir e Azevedo (2015) em seu trabalho sobre linguagem visual e urbana no Rio de Janeiro, coloca que tais grafismos representam marcas que traduzem pessoas, identidades, regiões; que trazem consigo memórias, histórias de vidas, projetos, perdas, sensações intensas de prazer, medo, aventura, revolta, realização, risco e morte.
- 75 Não é por acaso, portanto, que a Antropologia contribui decisivamente para a fabricação de representações visuais e imaginários acerca da alteridade (Campos, 2007:10). Ainda sobre o papel da antropologia urbana e da etnografia:
- Esta disciplina continua fortemente vinculada a um paradigma visualista assente, sobretudo, na capacidade para olhar o Outro e que recorre, basicamente, ao etnógrafo como seu instrumento de prospecção. A observação no terreno adquire um sentido simultaneamente metafórico e concreto, revelando este princípio fundador de toda uma epistemologia: o elo que se estabelece entre observador e observado, o olhar que recai sobre a cultura. (Campos 2007:10-11).
- 76 Espalhados pelos meios-fio, e na continuidade da rua ficam grupos jovens conversando, tirando fotos, gravando vídeos e demais grupos familiares que levam suas cadeiras de

praia e tomam seu chimarrão. Uma anotação importante: é o grande fluxo de animais de estimação – os ‘pets’, animais domésticos, trazendo grande espaço para os cães, formando além de um encontro e sociabilidades de humanos e não humanos (animais) entre si.

- 77 Além de todas as atividades mencionadas nesta edição do Sofá (já se somam 57 edições até outubro de 2018 – sendo uma a cada mês, desde 2011) o evento vai se remodelando a partir de determinadas pautas que se integram ao decorrer dos meses que acontecem as atividades (exemplo: festa junina - junho ou ‘julina’ – junho, hip-hop, rap, skates, teatro, cinema, e outras datas comemorativas) ou propósitos que são construídos e criados.
- 78 No centro das duas paralelas (Conde de Porto Alegre e José do Patrocínio) fica o palco principal onde lá a partir de determinado período é que se remodifica este espaço e toma outra ‘noção’ da rua - das experimentações afetivas. Quando começa o show de determinada banda ou grupo artístico, neste caso presenciado - uma banda de forró -, as pessoas se ‘ajuntaram’ para dançar o típico ‘forró pé de serra’, e a partir dali as coisas esquentam.
- 79 Ao anoitecer, os pequenos grupos familiares saem de ‘cena’ e lá o espaço juvenil toma conta. A festa começa, e vai noite a dentro e depois ‘vaza do Sofá’ para outros pontos da cidade. Segundo o comerciante de pipoca, Osmar, que se desloca com sua carrocinha de sua casa do bairro do Fragata (Zona Sul) até o local do evento, todos os meses, frequentador assíduo do Sofá, diz que “Às vezes, a gente reconhece um e outro. Mas quase nunca são as mesmas pessoas”.
- 80 Desse modo que é preciso pensar em ritos de passagem, ritos da alteridade, que sempre estão em movimento num espaço tão plural e diversificado. Trazendo a noção de rito, Turner, (1986:165) coloca os ritos de passagem como estratégias que visam produzir efeitos de estranhamento em relação ao familiar. O outro, ou os outros no Sofá, se dão desde grupos ativistas *veganos*, grupos sociais e artísticos como o de hip-hop e rap: ‘os *manos*’ assim como os mais tradicionais ‘*pilchados*’<sup>10</sup> – vestimentas que remetem à cultura nativa do gaúcho no século XIX durante a Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha, de acordo com o Movimento Tradicional Gaúcho (MTG).
- 81 O traje masculino é determinado pela seguinte vestimenta: o conjunto de chiripá, camisa, colete ou jaleco, jaqueta, ceroulas, chapéu, guaiaca, bota, faixa, esporas e lenço. Geralmente este grupo é tomado por jovens que estudam os cursos agrários; agronomia, engenharia agrícola, e utilizam somente a bombacha (calça), boina, alpagarta (sapatilha). Esta geração mais jovem, chamada em tom de brincadeira como ‘*gauchão de apartamento*’ pelo momento e pela modificação da própria cultura gaúcha com a modernidade. Em outras palavras, seria a geração “nutela x raiz” que se coloca atualmente na memetização da vida cibernética (Leitão; Gomes 2013).
- 82 Também podemos encontrar a galera da ‘*boldin*’ ou da ‘*marola*’, que se deslocam de bairros mais longínquos em virtude da sensação de tranquilidade e de conforto num domingo. Grupos atléticos, os frequentadores das academias, os ‘*bombados*’ também podem ser encontrados. Há também a ‘galera das *magrelas*’ (motos) e dos ‘*rebaixados*’ (carros personalizados), e sem falar na diversidade de gênero dos grupos homoafetivos. Percebe-se ainda como uma noção de *permissibilidade* desse contexto produzido no evento Sofá na Rua é importante para a produção de autonomia como observado no

evento e narrado por um casal homoafetivo jovem que preferiu não ter seus nomes revelados por questões pessoais e segurança.

Aqui no sofá, é como se fosse um escudo para a gente sabe.... Mesmo com todo o pessoal diferente que vem para cá, de tudo que é lugar da cidade, ainda nos sentimos confortáveis para nos permitir minimamente sermos nós mesmas publicamente. Podemos ser do jeito que somos, porque aqui encontramos também muitas pessoas que são como nós. Então é muito bom, tu vir para um lugar público e poder se manifestar e agir do jeito que tu é, sem ver aquele pessoal todo te olhando de um jeito diferente, e te vigiando, quase como um controle moral, de comportamento mesmo. Bah, isso é um alívio tão grande para a gente.. De alguma forma podemos nos permitir a ser que somos... Pelotas ainda é muito preconceituosa..

(Relatos do casal, 27 de maio de 2018).

- 83 Muito provavelmente em qualquer outro cenário urbano, esta diversidade ou ainda, a diferença de atividades entre determinados grupos que se encontram no Sofá na Rua, tenha sequer alguma similaridade em outro ponto da cidade. O ponto de encontro nesse contexto é fundamental para realização de determinadas dinâmicas. São as alteridades em encontro na paisagem do urbano que produzem a *'diverCidade'*. *'Antropologizando'* com as palavras: *é a diversidade produzindo a diversão na cidade.*
- 84 A partir do deslocamento do lugar olhado das coisas, conhecimento é produzido e adquire densidade. O mesmo autor coloca como ponto de partida para entender estes ritos de passagens, como as próprias sociedades sacaneiam-se a si mesmas, brincando com o perigo, suscitando efeitos de paralisia em relação ao fluxo da vida cotidiana. Isso através de ritos, cultos, festas, carnavais, músicas, dança, teatro, procissões, rebeliões e outras formas expressivas.
- 85 No desvio metodológico da antropologia social de Turner, para entender as estruturas é preciso suscitar um desvio. O desvio do olhar e do experimentar do antropólogo precisam acompanhar os movimentos surpreendentes da vida social.

## Considerações locais

- 86 O que se pretendeu aqui neste recorte sobre antropologia urbana a partir de dados etnográficos, foi apresentar como neste movimento urbano contemporâneo podem ser entendidas e construídas as expressões urbanas por meio de ocupação, apropriação, utilização, tensão e negociação dos espaços na cidade, produzindo assim encontros e formas de sociabilidades em determinados grupos urbanos.
- 87 A urbe, a rua e as pessoas não estão e não podem ser colocadas como pontos diferenciados - deslocados. A cidade, o cenário e a paisagem estão conectados e podem ser modificados ou colocados numa contínua modificação a partir da escolha de grupos e pessoas que lá se inserem de modo a dinamizar o espaço vivenciado e experimentado.
- 88 Num sistema de significados, onde as *'coisas'* são abstratas, é preciso preencher o vazio de significado, atribuindo sentimentos, valores, e modos de utilizar o espaço. Preencher o vazio de significado em torno de uma linguagem: e essa linguagem é urbana, rural, periférica, e de pórtico.
- 89 Somente com uma etnografia sobre a cidade presenciada num contexto urbano, periférico e de pórtico, que é a característica do Sofá na Rua e da região do Porto, é que serão utilizadas as noções de pedaço a partir do bairro do Porto e suas especificidades

loais, produzindo manchas que a partir de determinadas modificações urbanas da paisagem poderão buscar quais e quem são seus frequentadores de forma a conhecer o trajeto, a partir dos fluxos e movimentos produzidos nas manchas urbanas, através de circuitos que se produzem a partir de determinados equipamentos produzindo exercícios de sociabilidades descritos e localizados.

- 90 Tais noções : pedaço, mancha, trajeto a partir do circuito estabelecido por meio de equipamentos produtores de sociabilidades como os bares do Zé e Papuera; além da conformação de um grande público universitário que se consolidou a partir da instalação da Universidade Federal de Pelotas no bairro. Trocas, convivências e conflitos entre moradores antigos e novos foram estabelecidos no cotidiano e novas formas de vida foram e continuarão surgindo. O que dá continuidade para verificar algumas regularidades de seus frequentadores principalmente em sua extensão aos domingos no Sofá na Rua; onde anteriormente ao longo da semana na agitação da rotina universitária é articulada nos equipamentos noturnos do bairro, entre atividades educacionais, artísticas, políticas, além do dia a dia de vida nas repúblicas universitárias que operam muitas vezes em uma outra escala de dinâmica, de ritmo e de convivência.
- 91 O grande diferencial do Sofá na Rua é que consegue unir pessoas, grupos e frequentadores do bairro, e vai além pois desperta o interesse. Alguns se deslocam de bairros mais longínquos; também periféricos, mas de outros pontos como os bairros do *Dunas* (Dunas Rap); *Areal*; *Pestano*; *Obelisco*; *Getúlio Vargas* e até da “praia” (bairro praiano que fica mais distanciado da cidade) chamado de *Laranjal*. Ainda há alguns grupos que fazem a conexão entre a cidade de Rio Grande e Pelotas ou “RG-Pel”. Tais atividades sempre articuladas pelas mídias digitais – Facebook –, na página especificamente do Sofá na Rua<sup>11</sup>, onde grupos mobilizam e elaboram todo um circuito de trocas de produtos e serviços como comidas artesanais, doces, bebidas, área de roupas e brechós entre outros.
- 92 Determinadas atividades que ocorrem no espaço se consolidam e ramificam por meio das dinâmicas que só podem ser estabelecidas lá e principalmente por determinados grupos que praticam suas atividades; é como se aquele entrecruzamento aos domingos funcionasse como um *Parque Asfáltico* reunindo uma ampla gama de atividades lúdicas, políticas, performáticas, esportivas, artísticas e até justamente pela ligação entre a estética produzida pela temporalidade que o conforma como bairro fabril-industrial e sua paisagem urbana que produz um outro tipo de dinâmica : o território enquanto potencial criativo do espaço urbano.
- 93 Principalmente com a diversidade de moradores que a cada ano só aumenta em virtude dos processos seletivos de ingresso na Educação Superior por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) a partir de 2008; o que fez justamente a aquisição de estruturas localizadas no bairro por meio da UFPel. Os “outsiders” ou forasteiros chegam a todo momento e modificam a dinâmica do lugar.
- 94 Estas atividades e dinâmicas podem ser definidas como o conjunto que se utilizará como ‘fio condutor’ para compreender as conexões e alteridades que são postas em jogo nas próximas ‘junções’ do Sofá na Rua com uma etnografia que permita traçar, observar e descrever o exercício ‘de’ ou ‘das’ sociabilidades na paisagem, por meio de uma antropologia urbana, e que seja compartilhada, como coloca Rouch (2003), sendo o seu conhecimento, fruto das relações com seus interlocutores.

- 95 É preciso pensar na (s) alteridade (s) não como diferença, mas como adição, colocando a relação e a própria condição de uma antropologia nós/outros e outro/outro numa nova concepção de alteridade, não a da exclusão, mas uma mais próxima que permita integrar e aproximar tais experiências socioculturais por meio das mais diversas formas de sociabilidades permeadas por pontos de encontros que modificam dinâmicas e práticas de convivência.

---

## BIBLIOGRAFIA

- APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.
- BATESON, Gregory. "The Message: 'This is Play'" in B. Schaffner (ed.) (1956) Group Processes; Transactions of the Second Conference, New York (NY): Josiah Macy, Jr. Foundation, pp. 145-242.
- CAMPOS, Ricardo. Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano. 2007.
- CANEVACCI, Massimo. Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: Dp&A, 2005.
- CARNEIRO, Maria José. O ideal rurbarno: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, p. 95-118, 1998.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. Ed. Perspectiva, 1978.
- ESCOBAR, Giane. Clubes Sociais Negros: Lugares de Memória, Resistência Negra, Patrimônio e Potencial. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Santa Maria. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/10961>
- ESSINGER, Cintia. Entre a Fábrica e a Rua: A companhia Fiação e Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário. Bairro da Várzea, Pelotas, RS (1953-1974). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação de Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas. 2009. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Cintia-Essinger.pdf>
- FEIXA, Carles; NOFRE, Jordi. Culturas juvenis. Sociopedia. isa, 2012.
- FEIXA, Carles. Generación Hashtag. Los movimientos juveniles en la era de la web social\*/Generation#. Youth movements in the hiperdigital age/Geração#. Movimentos juvenis na era hiperdigital. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 14, n. 1, p. 107-120, 2016.
- FREYRE, Gilberto. Rurbanização: Que é? Recife: Ed. Massangana/Fundação Joaquim Nabuco.1982.
- KUSCHNIR, Karina; AZEVEDO, Vinícius. Caligrafias urbanas: pichação e linguagem visual no Rio de Janeiro. Trama: indústria criativa em revista ISSN 2447-7516, v. 1, n. 1, 2015.
- LEITÃO, Débora K; GOMES, Laura G. "Machinima and Ethnographic Research in Three-Dimensional Virtual Worlds". in: Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology, v. 9, n. 2. July to December 2012. Brasília, ABA.

- LEITE, R. P. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Ed. Da Unicamp; Aracaju: Ed. da UFS, 2004
- LIHTNOV, Dione; BARROS, Lânderson; GONÇALVES, Sidney Viera. *Análise da percepção da paisagem na região do bairro Porto na cidade de Pelotas e as transformações recentes produzidas pela requalificação urbana*. ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, v. 16, 2010.
- MAGNANI, José. *Fazendo Antropologia na metrópole*. in "Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana", José G. Magnani e Lilian de L. Torres, orgs., São Paulo, Edusp, 1996.
- MAGNANI, José; DE SOUZA, Bruna Mantese. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. Terceiro Nome, 2007
- MAGNANI, José. « O Circuito: proposta de delimitação da categoria », Ponto Urbe [Online], 15 | 2014, posto online no dia , consultado em 30 Setembro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/2041> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2041
- MAGNANI, José. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 (49), jun., São Paulo. 2002.
- MAGNANI, José. *A antropologia urbana e os desafios da metrópole*. Tempo social. 2003.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, v. 2, 1976.
- MARGULIS, Mario. *La cultura de la noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires*. Editorial Biblos, 1997.
- LEITAO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziela. *Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life*. *Revista Cronos*, v. 12, n. 2, 2013.
- MENDOZA, Edgar. *Sociologia da Antropologia Urbana no Brasil: a década de 70*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, v. 2, 1976.
- MITCHELL, Clyde. *A dança kalela: aspectos das relações sociais entre africanos urbanizados na Rodésia do Norte*. *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo, Editora UNESP, 2010.
- PEIRANO, Mariza; MELATTI, Julio Cezar. *Etnocentrismo às avessas: o conceito de " sociedade complexa"*. Fundação Universidade de Brasília, 1982.
- PETONNET, Collete. (1982) "L'observation flottante, l'exemple d'un cimetière parisien". In: *Revue L'Homme*, Octobre/Décembre, numéro XXII 4, pp. 37 a 47, Paris, CNRS.
- POETSCH, Martha Costa. *Zona do Porto de Pelotas e sua Identidade*. Brasil. 2002. 166f. Tese (Doutorado em Integração Regional), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- ROCHA, Ana Luiza da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. *Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS*. Porto Alegre, N. 7, 22 p., 2003.
- ROCHA, Ana Luiza de; ECKERT, Cornelia. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005. 197 p.
- ROCHA, Ana Luiza da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais*. *Política & Trabalho* 34, 2011.
- ROUCH, Jean. *A life on the edge of film and anthropology*. Jean Rouch with Lucien Taylor. In: *Feld, S. Cine-Ethnography - Jean Rouch. (Visible Evidence, 13)*. Minneapolis, University of Minneapolis Press. pp. 129-148. 2003.

REZENDE, Claudia. Complexidade Urbana. Um antropólogo na metrópole., de Gilberto Velho (seleção de textos e introdução de Hermano Vianna, Karina Kuschnir e Celso Castro, Ed. Zahar, 2013).

SALABERRY, Jeferson. A agroindústria no bairro do Porto: Pelotas – RS (1911-1922). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas. 2012. Disponível em: [http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/jeferson\\_dutra\\_salaberry.pdf](http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/jeferson_dutra_salaberry.pdf)

SIMMEL. Georg. Questões fundamentais da Sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TURNER, Victor. Dramas sociais e metáforas rituais. Dramas, campos e metáforas, p. 19-54, 2008.

VELHO, Gilberto. Um antropólogo na cidade, ensaios de antropologia urbana. 2013.

## PERIÓDICOS

ADUFPEL. Nota de Repúdio ao “Pacto pela Paz”. Pelotas, 19 de dezembro de 2017. Associação dos Docentes da Universidade Federal de Pelotas. Seção Sindical da ANDES – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Visto em 16/mar/2018: <http://adufpel.org.br/manager/uploads/download/20171220150921.pdf>

EM PAUTA. Código de Convivência e o debate acerca dos bares pelotenses. Júlia Murer, Pelotas, 2018. Visto em 16/mar/2018: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/2018/01/codigo-de-convivencia-e-o-debate-acerca-dos-bares-pelotenses/>.

## DOCUMENTOS OFICIAIS

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. Pacto Pela Paz. Visto em 16/mar/2018: <http://www.pelotas.rs.gov.br/pacto/>

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. Projeto de Lei encaminhado à Câmara de Vereadores (texto integral): [http://sapl2.camarapel.rs.gov.br/sapl\\_documentos/materia/25094\\_texto\\_integral](http://sapl2.camarapel.rs.gov.br/sapl_documentos/materia/25094_texto_integral). Visto em 17/mar/2018.

## NOTAS

1. Avocar uma ampliação dos horizontes empíricos da Antropologia anexando-se novos “tipos de sociedade” como objeto de estudo a partir de uma variedade de temas: estudos macrossociológicos em sociedades modernas; temas tradicionais da Antropologia, como parentesco, em contextos urbanos; tópicos da Antropologia Rural; estudos das chamadas grandes civilizações. Para mais detalhes, ver (Peirano:1982).
2. Termo criado pelo autor. Refiro-me à noção de experimentações a partir da vida digital. Cibervivência refere-se ao espaço da cibercultura ou ainda da cultura cibernética - o viver na era real-digital. Para estudos acerca do tema ver Leitão e Gomes (2017)
3. Dados retirados do trabalho: “Análise da percepção da paisagem na região do bairro porto na cidade de Pelotas e as transformações recentes produzidas pela requalificação urbana (LIHTNOV; BARROS; GONÇALVES, 2010).
4. Cabe ainda dizer que a região portuária de Pelotas serviu como moradia para as comunidades negras no período pós-abolicionista devido as grandes estâncias produtoras de charque na região e indústrias após o declínio charqueadista. Uma outra sociabilidade que se deu foi com a criação de Clubes Sociais Negros como forma de ajuda mútua, defesa de direitos e diretrizes rígidas comportamentais. Para mais informações, ver Escobar (2010).
5. Ver Turner em: Dramas sociais e metáforas rituais. Dramas, campos e metáforas, p. 19-54, 2008.

6. Além da concepção de Turner (2008) sobre ritual, tomamos também no contexto juvenil, a sociabilidade como um ritual, mas sem passagem (Canevacci, 2005). Apoiado em Margulis (1994) a noção de juventude como categoria socialmente construída determinada por processos históricos e culturais não como natural/biológico/saúde como ritmos do corpo em processos do estado das células humanas.
  7. Informações, fotos e atividades sobre o projeto de Extensão se encontram na página do Facebook: <https://www.facebook.com/ButecoDaFilosofia/>
  8. Para mais informações sobre o Pacto pela Paz, verificar a nota de repúdio pela Associação dos Docentes da Universidade Federal de Pelotas – ADUFPEL: <http://adufpel.org.br/manager/uploads/download/20171220150921.pdf>.
  9. Sobre o andamento e discussão da proposta do Plano de Convivência: a primeira ocorreu no dia quinze de março de dois mil e dezoito, no Centro das Indústrias de Pelotas – CIPEL no prédio do Serviço Social da Indústria do Rio Grande do Sul – SESI. Ocorreu no dia vinte de março a primeira audiência pública sobre a temática na Câmara de Vereadores de Pelotas com amplo repúdio pela retirada da proposta. Dia vinte e três de março realizou-se a Assembleia Popular sobre o Código de Convivência (Pacto pela Paz) pela Frente em Defesa do Serviço Público, das Conquistas Sociais e Trabalhistas promovida pelo Sindicato dos Servidores da Universidade Federal de Pelotas e movimento social Pacto Pela Voz. Este Código de Convivência – Pacto Pela Paz - tem o caráter de estreitamento das relações sociais e amplamente operado contra a lógica da ‘paz’ de forma a garantir a ordem e segurança por meio ‘repressões’ e abordagens agressivas. Tanto na periferia da cidade, onde laços de vizinhança são construídos lado ao lado em casos de emergências e conflitos, de associações ou de interpelações de múltipla ajuda. Além das realizações de abordagens noturnas principalmente no bairro do Porto pelo fluxo noturno que se estabelece.
  10. Para uma versão mais completa dos detalhes e conhecimento visual dos trajés: <http://www.clicrbs.com.br/especial/br/regionalismo/conteudo,1195,4774,Pilcha.html>
  11. Página do evento onde acontece toda a parte de mobilização e articulação desde a programação das edições até as discussões que se prolongam: <https://www.facebook.com/sofanarua/>
- 

## RESUMOS

Partindo de algumas noções categóricas para pensar a etnografia no urbano como instrumento da antropologia de José Magnani (*pórtico, manchas e circuitos dos jovens*) o presente trabalho busca compreender tais noções em outro recorte etnográfico aplicado de forma a trazer novas compreensões partindo de um estudo localizado sobre o evento de cunho artístico-cultural Sofá na Rua situado no bairro do Porto da cidade de Pelotas no Estado do Rio Grande do Sul. Neste sentido, tais equipamentos criados e frequentados em um contexto universitário atual se conformam com um bairro histórico industrial, fabril e periférico que acaba sendo reconfigurado pelo uso criativo da prática do lugar com outras formas de sociabilidades e ações de lazer através da temporalidade. Por fim e de modo em geral, o presente artigo busca estabelecer reflexões antropológicas a partir da etnografia urbana acerca de experiências juvenis e sensações sobre o viver na cidade.

Starting from some categorical notions to think of the urban ethnography as an instrument of Jose Magnani's anthropology (*portico, spots, and circuits of the young*), the present work seeks to

understand these notions in another applied ethnographic clipping in order to bring new understandings starting from a study located on the artistic and cultural event Sofá na Rua located in the Porto district of the city of Pelotas in the State of Rio Grande do Sul. In this sense, such equipment created and frequented in a current university context conforms to a historic industrial district, factory and peripheral where it ends up being reconfigured by the creative use of the practice of the place with other forms sociabilities and actions of leisure through the temporality. Finally, and in a general way, the present article seeks to establish anthropological reflections based on urban ethnography about youth experiences and sensations about living in the city.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** sofá na rua, etnografia urbana, porto de pelotas, pontos de encontros, periferia

## AUTORES

### ÍCARO VASQUES INCHAUSPE

Mestrando em Antropologia (PPGAnt) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: icarovasques@gmail.com

### FRANCISCO LUIZ PEREIRA DA SILVA NETO

Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia(PPGAnt) e Professor do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: francisco.fpNeto@gmail.com